6

Conclusão

Procurou-se, ao longo deste estudo, demonstrar a coerência interna do percurso filosófico de Michel Foucault, quando considerado do ponto de vista da problematização empreendida, pelo filósofo, da questão do sujeito.

Da primeira parte do estudo, pode-se inferir que Foucault, da *História da loucura* a *A arqueologia do saber*, trabalha com discursos considerados como acontecimentos, cujo traço fundamental é o arquivo que, na arqueologia, não faz parte do presente. Estudando a problematização do sujeito, na segunda parte da tese, conclui-se que, a partir da década de setenta, com a reintrodução da noção de subjetividade na reflexão foucaultiana, o arquivo passa a valer como traço de existência numa análise que procura problematizar as condições de enunciação e as determinações epistemológicas do presente. Assim, elabora-se progressivamente um modelo novo capaz de prolongar as pesquisas arqueológicas em direção ao presente e que se concentra não apenas no nascimento de uma *épistémè*, mas na sua atualidade, problematizando o nosso pertencimento a um dado regime discursivo e a uma configuração de poder. Esse novo modelo é a genealogia. Mas antes de ser genealógico, como se viu, ao longo deste estudo, o pensamento de Foucault já era descontínuo e é a procura mesma de um modelo de descontinuidade que torna inevitável que Foucault confira, às suas pesquisas, a dimensão genealógica. Se a genealogia faz aparecerem todas as descontinuidades que nos atravessam, elas já eram presentes, na arqueologia, sob a forma da atenção aos acontecimentos, o que, por sua vez, pode ser considerado uma testemunha a favor da aludida coerência de Foucault. O programa de Foucault sempre foi a análise das diferentes redes e níveis aos quais pertencem os acontecimentos, de modo que a genealogia se constitui progressivamente e do interior mesmo da arqueologia. Com a genealogia, Foucault vê a possibilidade de pensar a ruptura de um modo diferente do que sobre o fundo da continuidade; a possibilidade de redobrar o lento trabalho de dissolução da figura do sujeito já começado e que agora pode ser empreendido por um mecanismo diverso do

anterior; a possibilidade de manter juntas a dimensão da *épistémè* e a dos acontecimentos e a possibilidade de que a história genealógica seja também uma problematização da nossa própria atualidade ou uma ontologia crítica de nós mesmos. Assim, a genealogia prolonga as análises históricas em direção a uma ontologia crítica de nós mesmos ou a uma ontologia da atualidade, o que significa que ela coloca a questão da possibilidade de acontecimentos no presente, procurando “liberar da contingência que nos fez ser aquilo que somos a possibilidade de não mais ser, fazer ou pensar aquilo que nós somos, fazemos, pensamos.”¹ Pode-se dizer que a pesquisa genealógica é o prolongamento da análise descritiva do passado através de uma problematização do nosso próprio presente na tentativa de instaurar qualquer coisa como uma diferença radical com relação aquilo que somos.

Foucault indica três domínios de genealogia possíveis: uma ontologia histórica de nós mesmos em nossas relações com a verdade, que nos permite constituir-nos como sujeitos de conhecimento; uma ontologia histórica de nós mesmos em nossas relações com um campo de poder, que nos permite constituir-nos como sujeitos de ação sobre os outros; e uma ontologia histórica de nós mesmos em nossas relações com a moral, que nos permite constituir-nos como agentes éticos. Segundo Foucault, todos os três domínios estavam presentes, ainda que de modo confuso, na *História da loucura*, o eixo da verdade foi estudado na arqueologia, o do poder, em *Vigiar e punir*, e o da moral, na *História da sexualidade*.² Conseqüentemente, a pesquisa genealógica envolve as singularidades e as rupturas do percurso foucaultiano e constitui uma história dos acontecimentos sob a forma de uma pesquisa sobre os saberes, sobre os poderes, sobre a relação consigo e a ética, que permite considerar conjuntamente as diferentes etapas da trajetória do filósofo.

A passagem à genealogia, portanto, não se faz a partir de um abandono de temas ou de metodologia. Ao contrário, é a tentativa de pensar até o fim e com um grau maior de exigência os problemas que ele se colocou que leva Foucault a reformular, a deslocar e a ampliar as suas análises. Trata-se não de uma lógica do abandono, mas de uma lógica da ampliação, uma ampliação que implica revisões

¹ Foucault, Michel. “What is Enlightenment?” In: *Dits et écrits 1954-1988, II 1976-1988*, p.1393.

² Foucault, Michel. “Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho”. In: Dreyfus, e Rabinow, P. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*, p. 262.

críticas importantes, mas que não escapa à coerência de uma problematização que a pesquisa foucaultiana não cessa de tecer: a problematização da questão do sujeito. Concebe-se, portanto, a passagem ao campo político e ao projeto de uma analítica do poder como o prolongamento exato da análise do campo discursivo e do projeto arqueológico, já que a genealogia não substitui a arqueologia, mas se ancora na mesma, prolongado-a em direção ao presente. A escolha do campo não discursivo não equivale a uma desqualificação do campo discursivo, mas a uma ampliação das análises dos discursos a um terreno mais vasto que envolve, ao mesmo tempo, os discursos, os saberes, o corpo, as práticas e as estratégias.

Desde o seu ponto de partida, o pensamento de Foucault se apresenta como uma crítica radical do sujeito, tal como concebido de Descartes a Sartre, isto é, como consciência constituinte e a-histórica. A partir dessa crítica, Foucault pretende chegar “a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica.”³ Mas a problematização foucaultiana da questão do sujeito não se reduz a essa crítica do sujeito constituinte, pois Foucault mantém, malgrado a crítica das filosofias do sujeito, uma reflexão sobre os modos de objetivação e de subjetivação do sujeito, sobre a constituição do sujeito. E se o sujeito se constitui, ele o faz através de práticas que podem ser de conhecimento ou de poder, ou, então, por práticas de si. O problema da subjetividade, isto é, da maneira como o sujeito faz a experiência de si mesmo num jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo, torna-se, então, o centro das análises do filósofo.

O problema da produção histórica de subjetividades pertence à descrição arqueológica da constituição de um determinado número de saberes sobre o sujeito, como se viu no capítulo sobre a objetivação do sujeito por práticas epistêmicas da primeira parte desse estudo, à descrição genealógica de práticas de dominação e de estratégias de governo às quais se podem submeter os indivíduos, como se viu no capítulo sobre a objetivação do sujeito por práticas disciplinares e normalizadoras da segunda parte desse estudo, e à análise das técnicas, através das quais, os homens, trabalhando a sua relação consigo, se produzem e se transformam, conforme foi

³ Foucault, Michel. *Verdade e poder*. In: Machado, Roberto (org.) *Microfísica do poder*, p.7.

estudado no capítulo sobre a subjetivação por práticas de si no final da segunda parte da tese.

A subjetividade em movimento, para Foucault, é, ao mesmo tempo, produto de determinações históricas e do trabalho da relação consigo, cujas modalidades são também históricas, de modo que a invenção de si mesmo não é exterior a grade do saber/poder, mas encontra-se dentro da mesma. A pesquisa da década de setenta leva Foucault a se questionar sobre se é verdade que os modos de objetivação produzem alguma coisa como sujeitos, como esses sujeitos se relacionam consigo mesmos? A questão, então, é quais são os procedimentos adotados pelo indivíduo a fim de se apropriar ou de se reapropriar da sua relação consigo. Foucault procura, então, encontrar, no seio mesmo das determinações históricas, sociais e políticas, as condições de um verdadeiro trabalho da liberdade.

No início da década de oitenta, a analítica do poder é radicalmente centrada na questão “como” e Foucault procura, então, um princípio de distinção suscetível de manter a implicação recíproca do poder e da liberdade, diferenciando, ao mesmo tempo, os dois termos. Essa diferenciação repousa na produção recíproca do poder e da resistência, compreendida como uma prática da liberdade inserida na relação de poder. O poder produz, isto é, ele não cessa jamais de desenhar outras grades de identificação, de inventar outros dispositivos de hierarquização e de repartição, outras estratégias de investimento e de captação, de modo que as relações de poder estão em expansão permanente e em transformação contínua a fim de se adaptar às modificações de uma realidade que elas mesmas contribuem para transformar. A resistência também é produtiva, a prática da liberdade é incessantemente relançada por novos dispositivos de poder, de modo que a resistência se transforma na medida mesma das transformações das relações de poder. Lá onde o poder reage à prática da liberdade que ele contribui para suscitar, modificando-se para se reforçar, a resistência inventa em uma zona que é, ao mesmo tempo, o produto das relações de poder e a matéria mesma das práticas de liberdade: a zona das relações consigo, aonde o si mesmo é o sujeito, enquanto objetivado pelos dispositivos normativos das relações de poder, e a subjetividade que se reapropria de si mesma em uma prática de liberdade, aonde ela se reinventa, se produz. É assim que se pode dizer que a

produção de subjetividade é uma reação que possui o privilégio de ser também uma invenção de si mesmo, uma criação.

Com efeito, depois da publicação de *A vontade de saber*, como se viu, na segunda parte da tese, Foucault se interessa cada vez mais pelo problema colocado pelas práticas de si e pela possibilidade de processos de subjetivação. Assim, Foucault acaba por recentrar a sua pesquisa sobre uma relação consigo que se dá antes de tudo como experiência de si, como *ethos*, de modo que a analítica do poder desemboca em uma dimensão que, ao invés de lhe denunciar as carências e os impasses, relança todas as suas implicações, abrindo o espaço de uma possível prática da liberdade.

Essa virada ética e estética, uma vez que se trata de se tomar a si mesmo como objeto da própria ação e de se produzir a si mesmo, fazendo da própria vida uma obra de arte, pode ser formulada fazendo dessa virada o prolongamento natural do entrelaçamento complexo entre poder e liberdade que desemboca na questão do sujeito. Todo o trabalho de Michel Foucault correspondeu, ao mesmo tempo, à descrição minuciosa da maneira como as relações de poder se entrecruzavam e concorriam para formar uma rede coerente de discursos, de dispositivos, de práticas e de instituições e à descrição da maneira segundo a qual um conjunto homogêneo de relações de poder se modificavam e se reformulavam numa aproximação daquilo que elas investiam. Essa dupla análise arqueológica e genealógica constitui uma analítica do poder que, ao colocar a indissociabilidade do poder e da resistência ao poder, se concentra num eixo dominante, o da questão do sujeito, da história do assujeitamento ou dos modos de objetivação que constituíram para a razão o espaço de um conhecimento possível, incluindo em seu centro o objeto específico que é o homem. Ora, o que parece se produzir, nessa virada nas pesquisas de Foucault, é a tomada de consciência de que a mesma história pode ser dita e feita diferentemente, de que, no lugar da história dos dispositivos de poder, pode ser tentada uma outra história que é aquela das práticas de resistência, a da invenção de si mesmo.

Pode-se concluir, portanto, que todas as rupturas aparentes do percurso filosófico de Michel Foucault correspondem a uma torsão interna da problematização da questão do sujeito. A passagem da arqueologia à genealogia, e, dentro desta, a da

analítica do poder à problematização ética e estética da relação consigo, nos dá a exata dimensão da coerência do percurso filosófico foucaultiano, pois é na medida mesma em que a análise dos discursos e a analítica do poder são conduzidas até o fim, isto é, que a problematização da objetivação do sujeito por práticas epistêmicas, disciplinares, confessionais e normalizadoras é conduzida até o fim, que aparece, finalmente, o tema da produção de subjetividade, da subjetivação por práticas de si, tema esse que Foucault irá retomar incessantemente até seus últimos dias.